



4 DE JANEIRO DE 1883

MATTOS MOREIRA & CARDOSOS—EDITORES

PRIMEIRO ANNO—N.º 1

OS PERIODOS GEOLOGICOS

Uma densa e espessa nuvem côr de chumbo e de margens franjadas, uma d'essas nuvens que se resolvem em fortes bátegas de agua e a que

prata irisadas de esmaltes brilhantes, que se agitasssem de um modo vertiginoso.

Julio, seguido do seu velho amigo Antonio, contemplava com interesse aquelle espectaculo devéras impressionavel. Do ponto onde se collo-



os meteorologistas chamam *nimbus*, erguera-se mansamente do horizonte, e esse vagaroso movimento velára em parte o disco do sol.

Comtudo do outro lado o oceano contrastava com a sombra intensa projectada sobre a costa, e reflectia os raios solares nas ondas agitadas, figurando myriadas de palhetas de ouro e de

cára via a costa recortada pela acção erosiva das aguas e alterante da atmosphera. Os enormes rochedos de granito entreabriam-se em fendas profundas. As aguas do oceano, como acontece em todas as costas penhâscosas, haviam-lhes escavado os alicerces, rompendo mais longe para o interior em perfurações afuniladas, verdadeiros

abysmos escancarados, por onde penetravam ruidosas e medonhas. Era como o que se vê na *Bocca do Inferno* em Cascaes, no *furado* de Peniche, e nas *Berlengas* e em outros pontos da costa de Portugal.

Antonio, voltando a attenção de Julio para a parte do oceano illuminada, disse-lhe:

—Essas aguas que te refletem a luz do sol e que te parecem chrystallinas, outr'ora, em tempos remotissimos, e antes da humanidade existir, apresentavam um aspecto bem differente. Cobriam quasi toda a superficie da terra. Eram grossas e espessas, pois tinham em dissolução a maioria dos materiaes de que são formados os continentes. Vapores negros e extremamente densos interpunham-se entre as aguas e o sol: velavam, por assim dizer, a face do abysmo, apenas illuminado de quando em quando pelas largas fitas de fogo em zig-zag das scentelhas electricas, ou pelos clarões alaranjados das erupções vulcanicas, que ajudaram a erguer a crusta terrestre no meio d'esses mares tenebrosos.

—Antes de proseguir, atalhou Julio, diga-me como é que, sendo esse estado da terra anterior á existencia humana, nós podemos ter conhecimento d'elle?

—Ainda não ha muito, que um sabio distincto, chamado Elias de Beaumont, nos ensinou, primeiro que nenhum outro, a interpretar o grande livro, cujas folhas são as entranhas da terra. Alli encontram-se por camadas dispostas pela ordem de successor os terrenos, que em diversas épocas formáram a crusta terraquea. As camadas rochosas, que compõem as montanhas, foram depositadas pelas aguas, com excepção do granito, do porphyro e de outras rochas, que, por sua natureza, nos indicam terem sido formadas n'um periodo em que o globo se encontrava ainda bastante incandescente, para permittir que os vapores se condensassem em liquido. N'essas camadas chamadas de *sedimento* conservam-se molluscos marinhos e lacustres, o que demonstra a sua origem.

—Foi, pois, disse Julio, do seio das aguas de onde emergio a vida?

—Assim foi, meu amigo, e tudo nos confirma n'essa opinião. Quando a terra era um globo formado de materias no estado de fusão, a vida organica era impossivel, e mesmo nos primeiros tempos que se seguiram a esse estado. Os geologos chamam á época em que a vida não existia ainda na terra—*periodo azoico*, isto é, sem animaes, e d'elle nos restam as rochas graniticas. Seguem-se depois os terrenos primarios formados pelos schistos e calcarios, onde se encontram já alguns molluscos crustaceos, entre os quaes se notam as *trilobites*, e zoophyos muito extraordinarios pela forma, como são os crinoides ou encrinas. Estes animaes tem a forma de uma flôr e chegavam a attingir muitos metros de comprimento. Os peixes tambem apparecem n'este periodo chamado *paleozoico*, isto é, de animaes antigos. É tambem n'este periodo que os vegetaes se manifestam desde as *algas* de mais simples organisação, até aos grandes fetos arboreos, ás sigil-

larias e lepidodendros, que desapareceram, e das coniferas e cycadeas, que ainda hoje existem. Succede a estes o periodo *mesozoico*, em que se formaram os terrenos secundarios, constituídos pelo *triasico*, *jurassico* e *cretaceo*: é esta a época dos monstruosos reptis, taes como o peixe-lagarto, ou *ichthyosaurus*, que tinha 6 ou 7 metros de comprimento, a cabeça de lagarto, os dentes de crocodillo, o costado de peixe e as barbatanas de baleia e os olhos enormes, que eram cercados de peças osseas, que lhe permittia vêr a enorme distancia e descobrir a presa ou na obscuridade da noite ou nos abysmos tenebrosos do mar. Não menos extraordinario do que este era o *plesiosaurus* com a cabeça e pescoço de serpente armada de dentes formidaveis e com o resto do corpo semelhante ao peixe-lagarto:—imagina, meu caro Julio, uma serpente de 10 metros cerzida a uma tartaruga colossal. Nos terrenos que as aguas iam deixando a descoberto viviam uns crocodillos de 16 metros de comprimento, os *megalosaurus* e os *iguanodontes*, e outros ainda mais monstruosos. Mas o animal mais extraordinario de todos é o *ptero-dactylo*, cujas formas phantasticas lembram o dragão mythologico. Após d'este periodo vem o *cainozoico*, onde appareceram com abundancia os mammiferos gigantes, e desapareceram os animaes de formas extraordinarias do periodo anterior. Attribue-se á época seguinte ou quaternaria a appareição do homem, com quanto pretendam alguns sabios haver vestigios, que attemem a sua existencia já nos terrenos terciarios. Sobre isto mais tarde te direi; por agora recolhamos-nos, que é tempo, e nota que as formas organicas se tornam tanto mais perfectas, quanto mais subimos na escala dos terrenos.

É o Antonio e Julio foram-se para casa, desejosos de lêr o *Jornal da Infancia*, que promettia tratar mais miudamente d'esses *tempos geologicos*.

JOÃO DE MENDONÇA.

SIMPLES FABULA

Iam dois senhores meninos pela mão de seu senhor seu pae, de passeio, no grande dia de ir buscar as sestas,—que é o mesmo que dizer ir buscar o descanso, a quietação,—isso a que alguns querem chamar preguiça, como se ella lá de uma vez ou outra e a hora propria, á hora da refeição por exemplo, não fosse condição indispensavel da actividade fecunda, e se a vontade e a força não brotassem de um reservatorio mysterioso que se va formando gota por gota nas grutas azues da imaginação.

As doces sestas! Scismar descansado, aboberrar das decisões! O operario precisa ter intervallos no meio da lida para poder d'alli a pouco lidar melhor outra vez; os Titos da jorna que não queiram perder um minuto, é que são capazes de fazer cera o dia inteiro! O descanso é sagrado: vivam as sestas!

La correndo a cidade inteira, da côrte e da ar-

ribana, pelas alegres ruas do bairro das Amoreiras, pelo Campo de Ourique, por Alcantara, pelas ruas do Patrocínio e de S. Miguel, pelas terras do Dourado, e pela vasta esplanada que conduz ao cemiterio dos Prazeres...

Corriam as segas, chiava o carro camponez, marchavam os pegureiros, o zefiro gyrando lepidamente refrescava o rosto aos viandantes, ás pacatas familias que iam de rancho, á rija juventude que honra os paes...

Sentados nos cômodos, estirados na relva, alguns comiam, outros tocavam guitarra, contentes, em mangas de camisa, ao lado de suas mulheres, doces companheiras de tez rubicunda, labios entreabertos, e chale no braço.

Nas janellas tudo cheio de cabecinhas, a ver quem passava...

—Vamos até aqui aos Prazeres! disse aos dois senhores meninos o senhor seu pae. Entraram.

Os senhores meninos entretiveram-se a ler os epitaphios, nomes conhecidos, nomes illustres, nomes celebres, nomes que nunca se haviam ouvido, de que ninguem fallára nunca, acompanhados sempre agora de louvores e de elogios, revelando tudo a grande saudade que de si deixaram...

Um era muito virtuoso, o outro tinha tido merecimentos raros, este nunca praticára senão acções primorosas, aquelle passou a sua vida a beneficiar toda a gente, o d'alli fôra a gloria da humanidade, o d'acolá deixou tudo a chorar por elle...

Os dois senhores meninos olhavam pasmados um para o outro,— até que, á sahida, não podendo já conter-se, um puchou pela mão ao pae, e o outro perguntou-lhe terminantemente:

— O pappá, onde estão enterrados os que eram maus?

O pae estendeu o beijo com muita gravidade; e respondeu:

— Os maus estão vivos. Os homens maus estão todos vivos. Todos! Os homens, meus meninos, são taes e quaes como vossemecês, que são muito bonsinhos... quando estão a dormir. Em morrendo, não ha homem que não seja optimo!

— Ah! exclamaram os dois senhores meninos.

— Optimos! insistiu o senhor seu pae. Optimos!

JULIO CESAR MACHADO.

A CIGARRA E A FORMIGA

(FABULA DE LAFONTAINE)

Tendo a cigarra em cantares
Passado o tempo do estio,
Viu a penuria em seus lares
Chegado o rigor do frio.

E sem ter para a barriga
De mosca um tenue bocado,
Foi-se chorar á formiga,
Que era visinha do lado,

Pedindo que lhe emprastasse
Alguns graos — uns dez ou vinte,
Com que ella a vida amparasse
Até á estação seguinte.

— Tenho uma palavra e um rosto,
Amiga, e aqui te asseguro,
Pontual, antes de agosto,
Pagar capital e juro.

A formiga não se balda
As suas economias:
— No tempo em que a calma escalda,
Pergunta-lhe, o que fazias?

— Cantava; e ninguem se offenda
De um cantar que amor indica.
— Cantavas?... bonita prenda;
Dança agora, minha rica.



Trad. — J. I. D'ARAUJO.



AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

CAPITULO I

PORQUE MOTIVO CAHE NEVE?

Porque motivo cahe neve?

Era esta a pergunta que a si propria fazia

mentalmente, n'uma manhã de rigoroso inverno, uma encantadora moreninha de nove para dez annos.

A physionomia da gentil menina tinha o seu quê de pouco vulgar; os olhos, azues e vivos, defendidos por longas pestanas pretas, denunciavam uma grande curiosidade intelligente, misturada de admiração constante.

Esta formosa creança parecia surprehendida de tudo, até da propria existencia.

Apenas os seus grandes olhos viam uma coisa nova, logo os labios rosados se abriam para pedir uma explicação cathégorica.

Susana de Sannois era como que uma pergunta viva.

— Porque motivo cahe neve? — repetia ella pensativa, conservando erguida a cortina da janella.

Susana morava n'um d'esses sumptuosos palacios parisienses do parque Monceaux, de aspecto muito agradavel com a sua alva cantaria e os seus tijolos vermelhos.

N'aquella manhã, a fachada do palacio occultava-se sob uma espessa camada de neve, que se agglomerava nos capiteis das columnas, nos relevos das esculpturas, nas pontas das grades doiradas, atapetando tambem os degraus da escadaria de pedra até ao parque. A cobertura de ferro da estufa estava igualmente vestida de neve, apresentando caprichosos arabescos. A es-

tufa ficava ao lado do palacio, de modo que, atravez dos vidros, por um singular contraste, podia ver-se a alegre verdura de magnificas plantas dos tropicos.

Susana contemplava o parque Monceaux, todo coberto de neve, porque de noite nevara muitissimo; o espectáculo era na verdade triste. Alguns homens andavam trabalhando em desembaraçar o caminho das carruagens, vigiados por um guarda, que tinha o seu capuz puxado até á testa. Um pouco mais longe via-se uma rua deserta, ladeada de palacetes, e aqui e alem algumas arvores que pareciam tiritar de frio.

Aquelle espectáculo como que transmittiu a

ficava occulto sob uma alcatifa avelludada, em cujas flores brilhantes Susana ia reparando.

Susana acercou-se do leito e a criada de quarto acabou de a vestir.

Susana continuava pensativa.

— Que tem a menina esta manhã? — perguntou-lhe a criada.

Susana fitou-a com os seus grandes olhos e interterrogou:

— Sabes acaso, Luiza, porque motivo cahe a neve?

— Sei, minha menina.

— Ah! então dize lá! — acudiu com vivacidade a pequenita.



Susana a sensação do frio exterior: atastou-se da janella e voltou para o meio do quarto, gratamente aquecido pelo bom lume do fogão.

Pela vez primeira talvez soube a gentil creança apreciar as commodidades que a rodeavam.

O quarto de Susana era muito garrido, com quanto não lhe faltasse intelligente simplicidade. Todo calafetado, com as janellas defendidas das correntes de ar por cortinas dobradas e sanefas de vistosas cores, tinha as paredes forradas de damasco côr de rosa desvanecido; o tecto, formando uma estrella, destacava para todos os lados os seus raios do mesmo tecido.

Perto do leito, tujo cortinado era de finissima fazenda da Persia, em elegantes tufois, via-se um pequenino toucador-duqueza; seguia-se uma *etagère* coberta de graciosas bugigangas, o berço d'uma enorme boneca, uma meza com papel e livros, e algumas cadeiras elegantes. O sobrado

— A neve cahe porque faz frio. É a coisa mais simples d'este mundo.

Parece que Susana não achou que fosse a coisa mais simples d'este mundo, porque insistiu:

— Mas porque faz frio?

— Ora essa! porque... porque... Na verdade, minha menina — exclamou Luiza rindo — pergunta-me mais do que eu posso responder. Não sei.

— Mas porque não sabes?

— Porque não me ensinaram essas coisas.

— Pois eu quero que m'as ensinem! — declarou Susana.

— N'esse caso, vá te com a mamã, que de certo a pode satisfazer.

— Lembras bem. Avia-te, veste-me depressa. E ajudando a creada, Susana acabou rapidamente de se vestir.

(Continúa)

ADIVINHAR UM OBJECTO

Preciso d'um confidente que me auxilie na sorte que vou executar.

Depois de eu sahir da sala onde estão reunidos os nossos amigos, o meu confidente pedelhes que nomeiem um objecto qualquer, animal, planta, utensilio caseiro, etc. Depois de algumas hesitações, concordam, por exemplo, na palavra relógio.

Sou então convidado a entrar na sala, e o meu confidente diz-me:

— Entre os diversos objectos que vou enumerar, tenha a bondade de indicar aquelle que foi escolhido na sua ausencia. Repare bem: cadeira, roza, castiçal, jarro, gato, relógio, rato, sophá, piano...

Eu vou escutando, de olhos fechados e mão na testa, como querendo concentrar o pensamento, até que de subito interrompo, dizendo: — Relógio!

Ficam todos admirados e desejosos de verem repetir a adivinhação.

Explicuemos agora a astucia empregada. Consiste ella em o meu confidente collocar entre dois nomes de animais a palavra que devo adivinhar.

Quando haja de repetir-se o gracejo, convem, para desnortear os circumstantes, estabelecer outra combinação, como, por exemplo, collocar a palavra entre duas plantas, ou então que será aquella que se seguir á palavra meza, etc. Podem fazer-se muitas combinações que dêem o mesmo resultado.



CONTOS DO TIO ESQUELHA

I

OS FILHOS DO PESCADOR

O tio Esquelha era um bom velho dos seus sessenta annos bem contados. Adorava as creanças, e as creanças adoravam-no a elle. Fugindo aos desenganos da cidade, fôra refugiar-se na aldeia, cuja simplicidade de costumes estava mais em harmonia com a sua alma candida.

O tio Esquelha possuia alguma instrucção, o que nos faz suspeitar que nem sempre fôra o que hoje apparenta ser, isto é, um rude e bondoso camponez. Deixemos, porém, o passado mysterioso do excellento velho, e vamos ao presente.

As tardes, no verão, o tio Esquelha ia sentar-se para o cruzeiro da aldeia, e, pouco depois, elle ahí estava rodeado por todo o rapazie, ansioso de lhe ouvir alguma historia da sua vasta collecção.

Vamos surprehendê-lo n'uma d'essas tardes.

O grupo não pôde ser mais gracioso e comovente. O tio Esquelha, sentado no degrau mais elevado do cruzeiro; uma ninhada de creanças aos pés d'elle, escalonando os demais degraus, e por cima a cruz, o symbolo da redempção, de braços abertos, como protegendo a velhice e a infancia, o passado e o futuro.

— Hoje não estou para os aturar — dizia o tio Esquelha aos rapazitos, que lhe pediam uma historia, como de costume.

— Conte, conte! — acudiram logo muitas vozes em tom supplicante.

— Ah! vossos querem historias, e fizeram-me gazeta á escola?...

— Eu cá fui! — protestaram alguns pequenos.

— E eu tambem! — acudiram outros.

— Bem, bem, então lá vae; mas não de prometter-me que saberão amanhã as lições na

ponta da lingua; olhem que eu não me deixo embarçar; terêi o cuidado de perguntar ao senhor professor.

— Pois sim, pois sim! — gritaram todos os rapazes a um tempo, em expansiva alegria.

— Bello, uma vez que promettem ser bons estudantes, vamos á historia — disse o tio Esquelha, sorvendo uma boa pitada. — É uma lenda da Suecia, um paiz que fica muito longe, onde ha muito ferro e que nos manda excellentes bacalhau.

Os rapazes contiveram-se no maior silencio, in-

clinaram a cabeça um pouco para traz, tranquilisaram o olhar, que não se desistava do bondoso velho, e o tio Esguelha começou a historia de — *Os filhos do pescador.*

Era uma vez um pobre pescador que tinha quatro filhos. A mãe dos pequenitos morrera, havia pouco tempo, de modo que o infeliz pae não tinha quem o ajudasse nas canceiras da vida. Os innocentes precisavam de fato, de pão, de agasalho, e as rédes nem sempre traziam a fartura á miseravel cabana do pescador. Nas occasiões de penuria, affligia-se, mas não deixava de ter confiança em Deus. Ainda que o mar estivesse muito bravo, mettia se sósinho na sua barca e lá ia em busca de peixe.

Um dia, porém, quando o honrado pescador lançava as suas redes no mar largo, começou o sudoeste a soprar com furia; as ondas pareciam apostadas em qual havia de elevar-se mais; o céu estava côr de chumbo; as gaiotas aproximavam-se da terra. Era um temporal medonho.

A pequenina barca mal podia resistir ao furioso embate das ondas, que faziam d'ella o que os rapazes fazem d'uma boja de borracha.

O pobre pescador dizia mal a sua vida; lembrava-se dos seus filhinhos, e essa idéa dava-lhe novas forças para lutar com a tormenta. Afinal, já quasi sem alento, largou os remos, e juntando as mãos, tendo os olhos fitos no céu, exclamou:

— Valha-me S. Pedro, o pae dos pescadores, que eu já não posso mais! Deus acuda aos meus pobres filhos!...

— Conte, conte! — bradaram alguns, abrindo muito os olhos com um grande interesse expressivo.

— Pois lá vae.

O tio Esguelha fungou uma nova pitada, e continuou a historia.

S. Pedro, apesar de ser um grande santo, quando passou por este mundo era um pobre pescador; e por aqui vêem vossês, meus diabretes, que para ser dos primeiros ao lado de Deus



E ao passar pelo rio da aldeia, viu uma lavadeira...



E levando consigo as quatro creancinhas...

N'isto veio uma onda maior, e ao despenhar-se arrastou consigo para o fundo do mar a barca e o pescador.

— E depois? — perguntaram os pequenos em côro, emquanto o tio Esguelha tomava o fôlego.

— Esperem, rapazes; isto não vae a matar — respondeu o bondoso velho.

não importa ser dos ultimos ao lado dos homens. A gente pôde ser rico, viver em palacios, ter muitos criados, uma meza sempre farta e variada em iguarias, podemos ter todos os regalos da terra, que nem por isso somos mais felizes que os pobres. Deus tem tudo compensado. A felicidade consiste em cada qual se contentar com a sua sorte. Mas vamos ao caso.

S. Pedro não foi surdo á supplica do infeliz pescador. Apareceu de repente na aldeia, e levando consigo as quatro creancinhas que tinham ficado sem pae, dirigiu-se ao lavrador mais rico da povoação, pedindo-lhe que tomasse conta d'aquelles orphãos.

O lavrador, que era muito sovina, desculpou-se dizendo que tinha muitos criados a sustentar, que eram enormes as suas despesas, e não sci que mais. S. Pedro respondeu-lhe que não admirava que sustentasse os criados, visto elles trabalharem nos seus campos: era um dever; ora agora, socorrer as creanças desvalidas, era caridade.

O lavrador continuou a esquivar-se, até que por fim S. Pedro lhe disse:

— Pense bem no caso. Não se decida hoje. Amanhã voltarei cá a saber a resposta definitiva. Até então, Deus cuidará d'estes innocentes.

Mas deixe-me fazer-lhe uma prophécia, senhor lavrador: *a primeira coisa que fizer amanhã ao erguer-se, fal-a-ha durante todo o dia.*

S. Pedro retirou-se com os pequenitos, e, ao passar pelo rio da aldeia, viu uma lavadeira ensaboando uma grande porção de roupa. Sentindo passos, a pobre mulher voltou a cabeça e avistou o santo e os orphãos.

— Ai! que lindas creanças! — disse ella ainda ajoelhada sobre a pedra que a defendia da agua.

— Mas agora reparo: estão todas vestidas de preto,...

— É que ficaram sem pae — explicou o santo.

— E a mãe? — perguntou a lavadeira.

— A mãe chamou-a Deus para si o anno passado.

— Coitadinhas! — suspirou a bondosa mulher, levantando-se. — Eu sou viuva e muito pobre, a lavagem da roupa mal me chega para sustentar tres filhos pequeninos que tenho, mas ainda assim, se esses innocentes não tem quem lhes dê agasalho, com muito gosto lhes servirei de mãe.

E começou a beijar os pequenitos, que tambem lhe faziam festas.

— Querem ir para minha casa? — perguntou ella ás creanças.

— Queremos.

— Mas não hão de fazer maldades. Promettem?

— Promettemos.

— Se forem todos amigos, se fizerem o que eu disser, hei de dar-lhes muitos bonitos e muitos beijinhos.

— Vejo que tem bom coração — interrompeu S. Pedro — e Deus nunca falta aos bons. Tome, pois, conta d'estas infelizes creanças, que nada ha mais triste do que não ter mãe.

— Tem razão, bom velho: que seria de meus pobres filhos se eu lhes faltasse!

— Fiquem-se na paz do Senhor, e lembre-se, boa mulher, que *a primeira coisa que fizer amanhã ao erguer-se, fal-a-ha durante todo o dia.*

S. Pedro afastou-se, e como estava bastante commovido, uma lagrima lhe rolou pelas faces, indo afinal cahir na areia, d'onde brotou no mesmo instante um formoso lyrio, que espalhou á volta um delicioso perfume.

(Continúa)

MATTOS MOREIRA.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Porque são de pau as aças dos bules ou cafeteiras de metal, e tambem das caçarolas, etc.?

Porque o pau é mau conductor do calor, e fica, portanto, n'uma temperatura muito mais baixa que o metal. Se a aza for tambem de metal, cobre-se com papel, ou com uma tira de lã, de seda, etc. A madeira, o marfim, e quaesquer tecidos, só muito lentamente chegam a uma temperatura elevada.

O ar é bom ou mau conductor do calor?

É mau conductor.

Sendo mau conductor, porque é que sentimos menos calor despidos do que cobertos com fato?

Estando o ar perfeitamente secco e tranquillo, embora frio, o corpo pouco arrefeceu; mas a questão é que o ar está sempre em movimento, maior ou menor, e basta o simples contacto com o corpo para n'elle originar correntes ascensionaes, tornando-se mais leves as moleculas aquecidas do ar, elevando-se e dando lugar ás moleculas do ar frio. Cada molecula de ar tira ao corpo uma porçõesinha de calorico, e como o facto se multiplica, segue-se um resfriamento sensivel.

Haverá vantagem em ser o ar mau conductor do calor?

Ha, e n'isso se prova a grande sabedoria do Creador. Se o ar fosse bom conductor, como os metaes, roubaria depressa todo o calor do nosso corpo, e, n'esse caso, morreriamos com o frio do inverno.



ALEGRIAS

A mamã da Carlotinha recommenda-lhe, ao levantar-se da cama, que rese o Padre Nosso. Ella vai dizendo a oração; mas, ao chegar ao *o pão nosso de cada dia nos dae hoje*, cala-se e fica pensativa. Depois pergunta:

— O mamã, não era melhor pedir logo a Nosso Senhor o pão para uma semana?

— Tola! — acudiu a irmã mais velha, que tambem estava presente — se pedimos o pão todos os dias, é para que seja sempre mole.

Conversavam um portuguez e um hespanhol, exaltando este exaggeradamente as bellezas e as curiosidades da sua nação.

— Lá na minha terra — dizia elle — ha um rio onde os peixes são tantos como a agua!

— Isso não me admira, meu amigo; — acudiu o portuguez muito serio — porque na minha terra ha um que não tem nem pinga d'agua: está todo cheio de peixes!

O hespanhol ficou embuchado.